



Do Corpo ao Chatbot: O uso da Inteligência Artificial Generativa na Educação a partir do conceito de descorporificação

From Body to Chatbot: The use of Generative Artificial Intelligence in Education based on the concept of disembodiment

Eixo 12 - Inteligência Artificial, ética e aprendizagem

Eliana Vitoria Guimaraes Nabuco LINS¹

Ana Luísa Alves ABUD²

Luiz Rafael dos Santos ANDRADE³

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar os impactos - tanto positivos quanto negativos – do uso da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) na Educação a partir do conceito de descorporificação. A descorporificação, conceito apresentado pelo autor estadunidense Jonathan Haidt em sua obra “A geração ansiosa” (2024), é compreendida neste trabalho como um processo de afastamento progressivo das relações interpessoais e da mediação humana nos espaços de construção de conhecimento, substituídas por mediações virtuais. Com procedimentos estruturados nos preceitos de uma pesquisa do tipo bibliográfica, foi possível destacar que o avanço das tecnologias digitais, principalmente as plataformas de ensino online e a consequente popularização das ferramentas de IAGen contribuíram para uma profunda reflexão atual sobre dilemas éticos e necessidade de leitura crítica dos meios, enquanto elementos determinadores de novos caminhos para uma experiência pedagógica no século XXI, que tem sido marcada pela descentralização do espaço físico e pela virtualização das relações didáticas. Essa pesquisa explorou os dilemas éticos associados ao uso da IAGen, assim como as vantagens da individualização do ensino, como maior eficiência e flexibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Descorporificação; Inteligência Artificial Generativa; Educação e tecnologias digitais; Mediação Humana; Leitura Crítica; Ética.

ABSTRATC

This article aims to analyze the impacts - both positive and negative - of the use of Generative Artificial Intelligence (IAGen) in Education from the concept of disembodiment. Disembodiment, a

¹ Universidade Federal de Sergipe-UFS; Licencianda em História, GECES – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade; e-mail: elianavitoriagnl@gmail.com

² Universidade Tiradentes-UNIT; Aluna de iniciação científica PROVIC da Universidade Tiradentes, Graduanda em Direito, GECES – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade; e-mail: analuisaabud9@gmail.com

³ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT); Doutor em Educação, GECES – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade, e-mail: luiz_rafael@unit.br



concept presented by the American author Jonathan Haidt in his work "The Anxious Generation" (2024), is understood in this work as a process of progressive distancing from interpersonal relationships and human mediation in spaces of knowledge construction, replaced by virtual mediations. With procedures structured in the precepts of a bibliographic research, it was possible to highlight that the advancement of digital technologies, especially online teaching platforms and the consequent popularization of IAGen tools contributed to a deep current reflection on ethical dilemmas and the need for critical reading of the media, as determining elements of new paths for a pedagogical experience in the twenty-first century, which has been marked by the decentralization of physical space and the virtualization of didactic relationships. This research explored the ethical dilemmas associated with the use of IAGen, as well as the advantages of individualizing teaching, such as greater efficiency and flexibility.

KEYWORDS: Decorporification; Generative Artificial Intelligence; Education and digital technologies; Human Mediation; Critical Reading; Ethics.

INTRODUÇÃO

Quando Santaella (2023) diz que “[...] a partir de dezembro de 2022, o ChatGPT caiu no mundo feito um meteoro”, a autora cria metáfora que chama atenção, até os dias de hoje, ao pensarmos o uso desse tipo de tecnologia em nosso cotidiano, com seus consequentes impactos em diversificados setores das sociedades, como relações de trabalho, vida privada e educação, o que nos faz pensar: Se, por um lado, a Inteligência Artificial Generativa (IAGen) oferece possibilidades de uma aprendizagem mais acessível aos cliques e geração de conteúdos, por outro, tem suscitado dilemas éticos, psicossociais e formativos ainda pouco debatidos no contexto educacional.

A presente pesquisa, se enquadra em um contexto de sociedade onde, atualmente, a tecnologia de IAGen tem adentrado os espaços de formação e construção de conhecimento junto de alunos e professores sem necessariamente pedir licença, e tem, como consequência, imposto uma nova revolução na sala de aula, de modo que novas estratégias de mediação sejam pensadas e colocadas em prática pelos sujeitos envolvidos neste processo. Como uma revolução paradigmática (Kuhn, 1962) que se preze, a IAGen tem nos levado a repensar alguns conceitos fundamentais nesse processo formativo, como o de mediação, ética e, até mesmo o de descorporificação – foco das análises aqui propostas.

Na dinâmica paradigmática de revolução na educação impulsionada pelo “meteoro” de nome IAGen destacam-se, também, o comprometimento do desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais à formação integral dos sujeitos, como a fragilização do senso de comunidade e a redução da corporeidade e afetividade no processo de aprendizagem. Para



compreender essa realidade, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em preceitos da investigação bibliográfica, dialogando com autores como José Manuel Moran (2015), Vani Kenski (2012), Jonathan Haidt (2024), Liliana Passerino e Sandra Montardo (2007), no intuito de compreender de que forma a IAGen pode ser integrada de maneira crítica e responsável aos processos de ensino-aprendizagem, sem perder de vista a centralidade da mediação humana como elemento fundante da prática educativa.

Neste sentido, destacamos a obra “A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais”, escrita pelo psicólogo social Jonathan Haidt, como um dos elementos teóricos das discussões aqui propostas, ao apontar que o uso precoce e excessivo de tecnologias digitais está diretamente associado ao aumento dos quadros de ansiedade, depressão e isolamento entre os jovens, sobretudo a partir de 2010, ano em que começou a denominada “Grande reconfiguração”, quando o uso de tecnologia, como os *smartphones*, se popularizou.

Os efeitos citados, acima, são particularmente alarmantes quando essas tecnologias digitais são inseridas em contextos educacionais sem a mediação de políticas pedagógicas humanizadas, o que pode, como consequência impulsionar os sentimentos de solidão, além de fragilizar o senso de comunidade e comprometer o desenvolvimento de habilidades interpessoais e intrapessoais; como o gerenciamento das emoções e dos relacionamentos. Essa conjuntura reforça a urgência de se repensar o equilíbrio entre inovação tecnológica e a preservação da corporeidade no ensino, especialmente em espaços que historicamente dependem da relação empática e presencial entre educadores e aprendizes.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar os impactos - tanto positivos quanto negativos – do uso da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) na Educação a partir do conceito de descorporificação. A partir de uma análise qualitativa, fundamentada em uma pesquisa do tipo bibliográfica, busca-se compreender como a IAGen pode ser integrada de forma equilibrada ao processo educacional, respeitando os limites entre automação e humanização, promovendo o desenvolvimento completo dos estudantes, com o intuito de contribuir para um debate aprofundado sobre os limites, sejam possibilidades ou implicações éticas da inovação tecnológica no contexto escolar.

IAGen e Educação

Nas últimas décadas, a educação tem passado por transformações significativas



impulsionadas pelas tecnologias digitais, sendo a IAGen uma das inovações mais disruptivas neste cenário. A introdução de sistemas inteligentes no ambiente educacional tem alterado não apenas os meios e ritmos de transmissão do conhecimento, mas também como o conhecimento é produzido e experienciado.

A proliferação do uso de ferramentas de IAGen tem sido diversa, como tutores inteligentes, sistemas adaptativos de ensino, assistentes pedagógicos com algoritmos de personalização e plataformas de gestão automatizada do aprendizado e tem, redefinido, não apenas a mediação pedagógica, mas também possibilitado uma personalização crescente do ensino, por meio da análise de dados de desempenho, da adaptação de conteúdos e da automação de tarefas administrativas e didáticas, dinamizando essas tarefas para os discentes e para os docentes.

Em um contexto onde o ensino ocorre cada vez mais em ambientes virtuais, mediado por plataformas inteligentes, o corpo docente se torna menos visível, e o corpo discente mais disperso, o que desafia as concepções clássicas de vínculo pedagógico e construção coletiva do saber. Esse fenômeno não ocorre de forma isolada. Ele dialoga com as tendências contemporâneas do ensino híbrido, conceito amplamente defendido por autores como José Manuel Moran (2015), que entende o híbrido como uma solução para equilibrar inovação tecnológica e interação humana, uma proposta de integração entre momentos presenciais e atividades online, focadas em metodologias ativas e personalizadas.

Moran (2015) argumenta que o ensino híbrido representa uma oportunidade para repensar a pedagogia tradicional e ampliar a autonomia do estudante. Contudo, Moran (2015) já alertava que a adoção acrítica de tecnologias pode reforçar desigualdades e comprometer dimensões fundamentais da aprendizagem, como a afetividade, a colaboração e a construção coletiva do saber. Assim como já advertia Vani Kenski (2012), não basta inserir tecnologias no processo pedagógico se não houver uma resignificação crítica da prática educativa. O risco da “hibridização superficial” é real: plataformas são incorporadas, mas os vínculos se esgarçam; conteúdos se multiplicam, mas o sentido do aprender se fragiliza. A simples substituição de ferramentas ou ambientes não constitui inovação pedagógica se não houver uma transformação nas práticas, nas relações e na compreensão dos sujeitos envolvidos. Segundo Feenberg (2002), a tecnologia, nesse sentido, não é neutra, pois está impregnada de valores que orientam comportamentos e moldam subjetividades.

Embora a IAGen ofereça benefícios visíveis - como a flexibilidade e o acompanhamento individualizado -, sua implementação levanta questões éticas, pedagógicas, políticas e psicossociais



importantes. Entre os principais tópicos, destaca-se a privacidade dos dados educacionais. A coleta massiva de dados sobre estudantes, a opacidade dos algoritmos utilizados para orientar decisões pedagógicas e a padronização do desempenho educacional têm gerado preocupações importantes em relação à vigilância, privacidade, autonomia e justiça educacional, como discute Selwyn (2019). Além disso, a equidade no acesso às tecnologias, a valorização da mediação humana e os impactos emocionais da redução do contato interpessoal também são questões de grande relevância ao se debater a inserção da IAGen no campo educacional.

O uso da IAGen e a descorporificação na Educação

O processo de reconfiguração do ensino convencional por meio de tecnologias digitais, como a IAGen, tem contribuído para o que se denomina “descorporificação do ensino”: o gradual esvaziamento da experiência educacional em sua dimensão presencial, afetiva e sensorial em sala de aula, por meio da presença física, da interação direta entre alunos e professores que são substituídas por interações mediadas interfaces, protocolos digitais e dados algoritmizados.

As discussões sobre o quanto o corpo, enquanto elemento disponível no espaço de interações sociais, possa ser passível de mudanças por meio do uso de tecnologias digitais não são de hoje, mas já podiam ser constatadas no que Levy (1999) e Serres (2013) pontuavam no sentido de que o corpo - enquanto presença viva, agente comunicativo, suporte da linguagem não verbal e lócus da intersubjetividade - é progressivamente deslocado para os bastidores do processo de aprendizagem, cedendo lugar à lógica do “interagir com sistemas” em vez do “conviver com pessoas”. É nesta lógica a que, segundo Serres (2013), surge uma nova geração no século XXI chamada de “polegarzinha”.

Em sua obra “Cibercultura”, Levy (1999) propõe a interação entre corpo e tecnologia buscando uma abordagem inovadora ao apresentar a evolução humana diante de dispositivos tecnológicos. Levy (1999) menciona não ver o corpo como uma identidade fixa, mas sim, em constante metamorfose intervindo das tecnologias e do ser humano contemporâneo. Para o autor, sua obra apresenta a nova etapa da evolução humana, que é determinado pela virtualização e interdependência entre corpo biológico e dispositivos tecnológicos.

A abordagem de Lévy quebra os padrões com suas visões essencialistas do corpo, tornando-se parte de uma corporeidade reconfigurável. Em vez de pensar no corpo como um limite existencial,



sua obra idealiza novas formas de viver rodeados de tecnologias que ampliam nossas habilidades implicando diretamente nas áreas da educação, por exemplo. Na cibercultura, o corpo é impulsionado pelos meios digitais tornando-se, também, uma interface conectada às redes. Ao compreender essa relação, o corpo e a tecnologia sugerem uma ótica dinâmica e não dualista do ser humano.

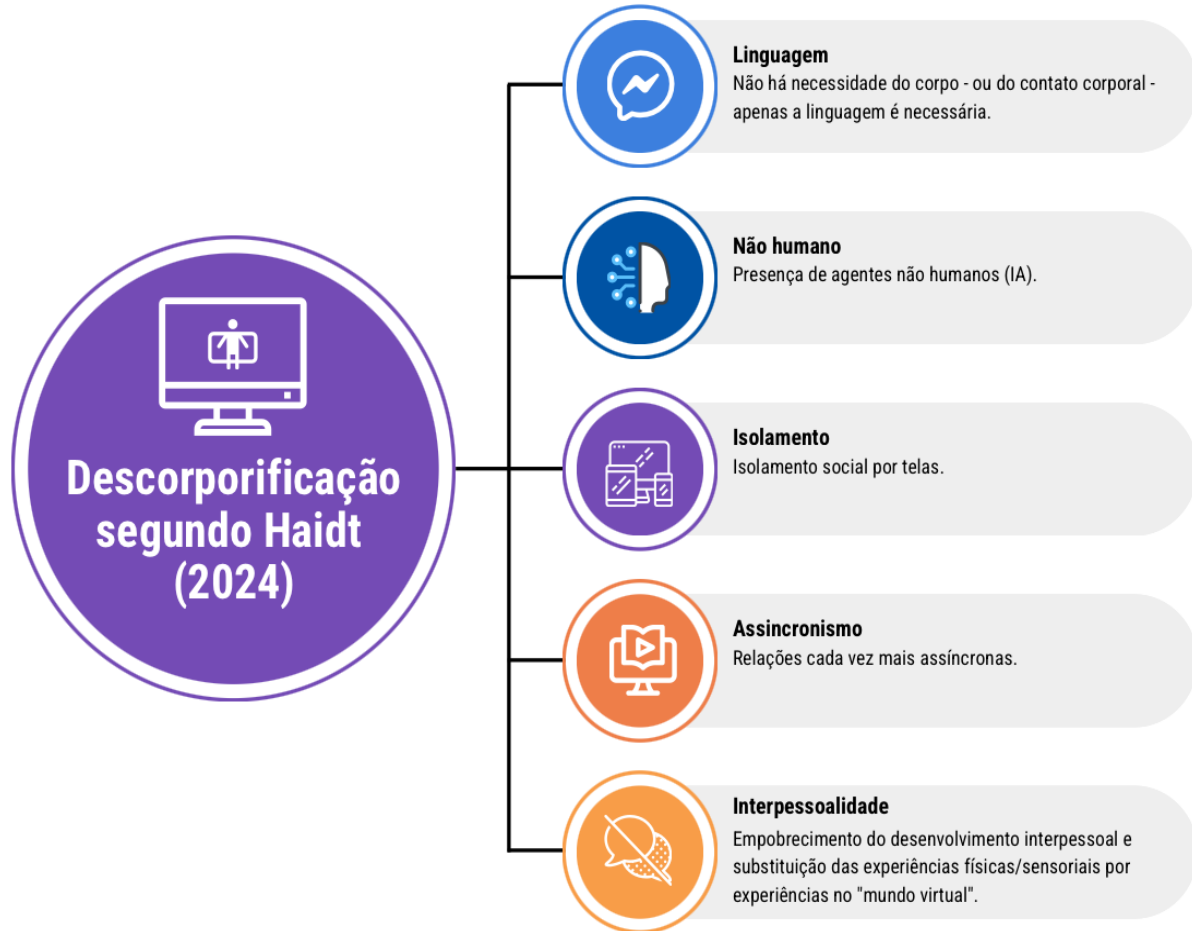
A relação entre corpo e tecnologia também é acentuada na visão do filósofo francês Michel Serres em sua obra “Polegarzinha” (2013). Nela, o autor observa a interação do humano com o mundo a partir das tecnologias digitais, utilizando da metáfora de seu título para se referir a uma era em que os jovens utilizam seus polegares para comunicar-se por meio dos seus dispositivos, comprometendo o desenvolvimento do corpo humano. A partir de suas ideias, ao relacionar esse fenômeno a geração, Serres (2013) vai além do polegar, ao afirmar que o corpo dos jovens incorpora a tecnologia digital, molda a sua cognição, sendo características determinantes a uma geração que já nasce interagindo com o mundo sob telas.

A compreensão da contemporaneidade e sua relação com a tecnologia, desenvolve um novo termo cultural e sensorial paradigmático, o qual, hoje, novos modos de aprender a se relacionar moldam o nosso cotidiano, formando uma mutação antropológica, onde o principal impacto se dá na forma de estar no mundo, principalmente com o corpo que o ocupa. Tais mudanças implicam diretamente na educação e na construção de padrões de ensino e aprendizagem, fazendo-se necessário com que conceitos inerentes a este processo também sejam repensados no devido espaço-tempo.

Atualmente, é possível constatar que as relações entre o corpo humano e as tecnologias digitais não param de impor mudanças aos olhos da educação. Sobre isto, em 2024 teóricos como Jonathan Haidt, por exemplo, chegaram à conclusão de que estamos passando por um processo de descorporificação, levando essa relação a um outro estágio conceitual. Sobre isto, destacamos características do referido conceito que merecem atenção em nossas análises (ver Figura 1, abaixo), a se saber:



Figura 1 – Características do conceito de descorporificação



Fonte: destaque dos autores com base em Haidt (2024, p. 18).

A partir do exposto na Figura 1, acima, é possível considerar que o ato em si de descorporificar-se na atual dinâmica de sociedade tem sido acarretado de características determinantes à relação com o humano para além, agora, do corpo, tendo como destaque para além da linguagem, do isolamento, do assincronismo, e da interpessoalidade, a presença, agora, de agentes não humanos de IAGen.

Tais características do conceito de descorporificação, são vistas por Haidt (2024) em cenários hipermodernos de sociedade, sobre isso, o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004) entende que, na hipermodernidade, os corpos sociais e a coletividade se tornam cada vez mais obsoletos, em contrapartida, o individualismo ganha forças. Com a cultura da hipermodernidade e o enfraquecimento das instituições coletivas, a autonomização correlativa torna o indivíduo mais fluido e socialmente independente, entretanto, a inconstância desse comportamento não significa o êxito do



indivíduo “dono de si”, significa a vulnerabilidade do “eu” e o aumento de sintomas psicossomáticos seria o efeito colateral dessa autonomização (Lipovetsky, 2004).

Ao correlacionar o pensamento de Haidt (2024) e Lipovetsky (2004), apesar das duas décadas que os separam, é possível identificar a transição para um mundo digital como parte impulsionadora do enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e das relações sociais como dilema central dos avanços tecnológicos. Desse modo, também se faz possível correlacionar a descorporificação das relações e o fomento da individualização. Nesse sentido, Haidt (2024) defende que o senso de coletividade e compromissos interpessoais são fatores determinantes para o bom desenvolvimento infantil e para a saúde mental do indivíduo. De mesma maneira, Lipovetsky e Charles (2004) já defendiam que a ideia de um eu volátil, “[...] privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência” (Lipovetsky; Charles, 2004, p. 84), que corresponde a desestabilização do indivíduo e aumento significativo de distúrbios mentais.

Diante do cenário exposto, é preciso questionar: como os ambientes de formação, entre eles a escola, administram esses cenários paradigmáticos que ocupam os seus espaços sem, ao menos, pedir licença? As ferramentas de IAGen, as redes sociais digitais, a sensação de dono de si que na verdade reflete vulnerabilidade, bem como os dilemas éticos são levados(as) à escola pelos sujeitos que a ocupam, ou melhor, por corpos cada vez mais descorporificados que a ocupam. Com essa mesma intensidade, ações e políticas públicas, bem como uma leitura crítica desses meios se fazem cada vez mais necessárias nesta realidade.

A partir do exposto, é possível pontuar que o conceito de descorporificação e sua relação com o uso de IAGen pode ser dinamizado nas relações formativas de educação a partir de práticas que garantam o uso ético e não exagerado das relações mediadas por telas, especialmente as concernentes com a utilização tecnologias digitais com base em uma leitura crítica destes meios, de tal sorte que possa garantir a preservação das relações corpóreas de ensino, utilizando mediações digitais apenas quando necessário para auxílio pedagógico. Nessa perspectiva, torna-se essencial, antes de qualquer aplicação técnica, a construção de diretrizes éticas para o uso das tecnologias digitais no ensino, como meio de orientar a utilização dessas ferramentas enquanto recursos de apoio, personalização e flexibilização pedagógica, assegurando que sua integração ao processo educativo não comprometa a formação integral do sujeito.



Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar, de forma crítica, os impactos da inserção da tecnologia — sobretudo da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) — na educação, com ênfase nas características de personalização e descorporificação a partir de um olhar da área da Educação. Com base na leitura das bibliografias e na análise do cenário atual, inferir-se que a inserção da IAGen no campo educacional representa uma reconfiguração dos papéis das instituições de ensino, dos professores e dos alunos. Nesse sentido, os autores José Manuel Moran e José Armando Valente (2011), assim como Vani Kenski (2012), apontam para um momento de transição das práticas tradicionais de ensino para abordagens mais flexíveis, com a tecnologia atuando como coautora do processo de aprendizagem.

Liliana Passerino e Sandra Montardo (2007), especialistas em informática na educação, em seu artigo "Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para pessoas com necessidades especiais", destacam a importância da equidade no acesso às tecnologias, da acessibilidade e da inclusão digital como eixos centrais a serem debatidos nesse processo, a fim de evitar que a IA se torne uma ferramenta de ampliação das desigualdades.

Em paralelo, o psicólogo social Jonathan Haidt (2024) introduz o conceito de descorporificação e discute os impactos de uma infância hiperconectada na saúde mental de crianças e jovens, apontando dados sobre o aumento de transtornos como ansiedade e depressão. Considerando que Haidt atribui parte desse cenário ao uso exacerbado de tecnologias digitais, torna-se necessária uma atenção ética e pedagógica contínua para a imposição de limites ao uso da tecnologia no ambiente educacional.

Neste estudo compreendeu-se que o uso da IAGen nas práticas pedagógicas da atual sociedade representa um avanço que contribui para um ensino mais flexível, personalizado e potencialmente mais democratizado. No entanto, é preciso considerar cuidados com a possível perda da corporeidade — dimensão coletiva do processo educativo — e, sob a ótica paradigmática da hipermodernidade que tem, como uma de suas características o hiperindividualismo. De acordo com Gilles Lipovetsky (2004), esse fenômeno está associado à autogestão constante, à ansiedade e à fragilidade emocional.

Conclui-se que a Inteligência Artificial Generativa pode ser uma aliada das práticas pedagógicas, desde que seus riscos éticos sejam considerados e cuidados durante todas as



SIMEDUC

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

experiências de uso. Cabe à comunidade educacional — professores, pesquisadores, gestores e estudantes — debater, experimentar e regular essas novas ferramentas, garantindo que o futuro do ensino preserve seu compromisso com a formação integral de um sujeito que, ao menos, ainda possua corpo.



Referências

AMARAL, A. E. Maia do. **1000 Anos antes de Gutenberg**. Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação Cadernos BAD, número 002. Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Lisboa, Portugal, 2000. p. 84-95. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/385/38505108/38505108_5.html>. Acessado em: 01/05/2012.

BRAGANÇA, A. Porque foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Salvador/BA, 1 a 5 setembro, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP4braganca.pdf>. Acessado em: 04/06/2012.

CETIC.BR. **Pesquisa TIC Domicílios 2011**. 2012. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total-brasil/apresentacao-tic-domicilios-2011.pdf>>. Acessado em: 06 de julho de 2012.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**; tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo : UNESP/IMESP, 1999.

FEENBERG, A. **Transforming technology: a critical theory revisited**. New York: Oxford University Press, 2002.

HAIDT, J. **A geração ansiosa: como a cultura da infância conectada está causando uma epidemia de doenças mentais**. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papirus. 2012. 141p.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**; tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.



MORAN, J. M.; VALENTE, J. A. **Educação a distância: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus Editorial, 2011. 136 p.

PASSERINO, L. M.; MONTARDO, S. P. **Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais**. E-Compós, [S. l.], v. 8, 2007. DOI: 10.30962/ec.144. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/144>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SELWYN, N. **Should robots replace teachers?: AI and the future of education**. Cambridge: Polity Press, 2019.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.